

GOLPE DE MESTRA:

CONDUTA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CAPOEIRA

DARLENE DE LIMA COSTA – MESTRA DARLENE

Mestra de Capoeira do Grupo Aliança Ariri Capoeira

DRA. LÍVIA DE PAULA MACHADO PASQUA

Doutora em Educação Física pela Universidade

Estadual de Campinas – UNICAMP

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Grupo de Pesquisa LABCAPO – Laboratório Capoeira (EEFD-UFRJ)

Resumo | O espaço da capoeira, antigamente considerado majoritariamente masculino, há muitos anos vêm sendo ocupado por mulheres, impactando nas formas de ver, ser, pensar, aprender e ensinar essa manifestação cultural brasileira. Assim, o objetivo desse estudo é descrever a experiência de uma mestra de capoeira, a partir de sua trajetória e os modos de enfrentamento de violências e racismos nesse ambiente, a fim de contribuir para uma educação não opressora. O “golpe de mestra” se dá no desenvolvimento de uma metodologia própria que compreenda a inclusão social bem como a formação e a conduta ética de seus educandos. Com essa narrativa, busca-se contribuir com futuras pesquisas relacionadas à temática da percepção feminina sobre as violências e racismos na capoeira.

Palavras-chave | capoeira; violência; mulher.

MASTERSTROKE: CONDUCT AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN CAPOEIRA

Abstract | The capoeira space, formerly considered mostly male, has been occupied by women for many years, impacting on the ways of seeing, being, thinking, learning and teaching this Brazilian cultural manifestation. Thus, the objective of this study is to describe the experience of a capoeira master, based on her trajectory and the ways of coping with violence and racism in this environment, in order to contribute to a non-oppressive education. The “masterstroke” takes place in the development of its own methodology that includes social inclusion as well as the training and ethical conduct of its students. With this narrative, we seek to contribute to future research related to the theme of female perception of violence and racism in capoeira.

Keywords | capoeira; violence, woman.

GOLPE DE LA MAESTRA: CONDUCTA Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN CAPOEIRA

Resumen | El espacio de la capoeira, antes considerado mayoritariamente masculino, ha sido ocupado por mujeres durante muchos años, impactando en las formas de ver, ser, pensar, aprender y enseñar esta manifestación cultural brasileña. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es describir la experiencia de una maestra de capoeira, basada en su trayectoria y las formas de enfrentar la violencia y el racismo en este ambiente, con el fin de contribuir a una educación no opresiva. El “golpe de la maestra” se produce en el desarrollo de una metodología propia que incluye la inclusión social así como la formación y la conducta ética de sus alumnos. Con esta narrativa, buscamos contribuir a futuras investigaciones relacionadas con el tema de la percepción femenina de la violencia y el racismo en la capoeira.

Palabras clave | capoeira; violencia; mujer.

A MULHER NA CAPOEIRA: DA MENINA À MESTRA

Primeiramente, ao se tratar da presença da mulher na capoeira, muitas pesquisadoras vêm salientando o processo de invisibilização da figura feminina ao longo dos tempos, sendo objeto de estudo principal para suas investigações, a exemplo de Foltran (2017), que despertou o olhar para a presença de mulheres em fotografia de capoeira angola ao lado de Mestre Pastinha; Beltrão (2021) com a pesquisa de mulheres valentes e desordeiras, Conrado (2006) que oferece diversos dados extremamente relevantes e reflete sobre a presença da mulher na Capoeira, Zonzon (2021) a partir de pesquisa intervenção com mulheres capoeiristas e França (2021), que analisou as trajetórias formativas e os registros biográficos de mestras de capoeira, resultando num importante diagrama cartográfico contendo mestras do Brasil e do mundo.

Nota-se que as pesquisas citadas, em sua maioria foram realizados por mulheres capoeiristas, ou seja, estudiosas-jogadoras (Soares, 1993)¹, refletindo a diversidade de mulheres que estão presentes na capoeira,

1. A figura de estudioso-jogador cunhada por Soares (1993, p. 29) significa: “aquele que pesquisa e ao mesmo tempo pratica a capoeira em sua versão moderna”.

brasileiras ou não, pretas, brancas, jovens, senhoras, mulheres trans, de diferentes classes sociais, escolaridades, mulheres com deficiência, mães, filhas, avós, algo muitas vezes despercebidos pela sociedade diante da pressão do imaginário social do capoeirista homem, forte, ágil. Diante disso, a motivação para escrever sobre a mulher e o enfrentamento de violências é reforçado pela vontade política de mudanças no ambiente da capoeira e conseqüentemente no mundo.

Darlene de Lima Costa tem o apelido de batismo na capoeira de Acumã², porém é muito mais conhecida como Mestre Darlene. Nascida no Rio de Janeiro em 1984, na comunidade Cidade de Deus, é filha de Rosângela Soares de Lima e Derli da Silva Costa, tendo iniciado sua ginga na capoeira aos quatro anos de idade, por meio de seu pai Mestre Derli Ariri, um dos Mestres mais antigos do estado, fundador do grupo Aliança Ariri Capoeira. Em sua veia corre o sangue da capoeira e do samba, sendo bisneta do Sete Queda do São Carlos (pai de sua avó paterna, famoso sambista).

Em 2014, foi reconhecida como mestra de Capoeira no Rio de Janeiro, aos 30 anos de idade. Além de capoeirista é ativista, posicionando-se sempre como mulher, preta, mãe, capoeirista e professora de Educação Física, com atuação desde a Educação infantil ao Ensino Médio. Iniciou seu trabalho com a capoeira aos 15 anos de idade na comunidade da Cidade de Deus e adjacências. Atualmente desenvolve trabalho com a capoeira no Morro da Providência (pedra Lisa), na organização Sparta, em Jacarepaguá no Centro Cultural DÁNGBÊ, na Escola Espaço Educação (zona sul do Rio) e é Professora da Escola Parque, portanto com experiência de diferentes idades, regiões e classes sociais.

Seu envolvimento com a capoeira se expressa em diferentes campos de atuação, tanto no ensino, social e político, tendo sido precursora de movimentos como a Roda de Empoderamento Feminino “Eleko”, o I Seminário Interestadual “Tem mulher na roda” (RJ/SP/BA). Foi cocriadora do Coletivo Mestras e Contramestras do RJ. É diretora técnica do Grupo

2. Acumã: ave de rapina; árvore.

Aliança Ariri Capoeira, participando dos fóruns de capoeira do Estado e Município do Rio de Janeiro, do coletivo feminino Mulheres na Capoeira do RJ e liderando como apresentadora o programa “Vem Jogar Mais Eu” na Rádio Capoeira. É criadora do Projeto Digital Educação Física em Movimento e do Projeto Capoeira para Todos

Andou por muitas rodas, disputou campeonatos, tendo recebido diversas homenagens e prêmios³ pelo trabalho desenvolvido com a arte da capoeira e toda a cultura a ela atrelada, sempre levando os seus conhecimentos como um legado ancestral. Foi homenageada na categoria voz potente “Prêmio Luísa Mahin, pelo Coletivo Nosso Legado é Coletivo.

É agente de salvaguarda desse patrimônio cultural imaterial do mundo, e devido à sua experiência como mulher preta capoeirista, mestra e filha de mestre, já vivenciou e presenciou muito o reflexo da roda da vida na roda da capoeira, com diversas violências nesse ambiente e luta para tornar a capoeira um ambiente cada vez mais seguro e inclusivo de ensino-aprendizagem.

Assim sendo, o objetivo desse estudo é descrever a experiência dessa mestra de capoeira, a partir de sua trajetória e os modos de enfrentamento de violências e racismos nesse ambiente, a fim de contribuir para uma educação não opressora. Para tal, foram destacadas as temáticas: A violência contra a mulher e filha do mestre na Capoeira (experiências pessoais da mestra); Apagamentos: a questão religiosa na Capoeira e o racismo (experiências percebidas pela mestra em seu ambiente) e por fim, o que metaforicamente denominamos o “golpe de mestra”, - Conduta e práticas pedagógicas na capoeira, pois o modo como a mestra ensina a arte da Capoeira e conduz eticamente seus formandos (as) é semelhante a um golpe, no caso, desferido contra os preconceitos ainda existentes na sociedade, por meio de uma educação que valoriza a diferença, a oralidade e a ancestralidade.

3. Moção voto de louvor e reconhecimento, abril de 2023, Câmara Municipal do Rio de Janeiro-RJ e Moção de Aplausos, julho de 2022, Câmara Municipal de Niterói -RJ.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E FILHA DO MESTRE NA CAPOEIRA - EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

Mestra Darlene durante sua formação treinou com poucas mulheres. Apesar de seu grupo ter sido muito grande no passado, treinou apenas com duas mulheres, em momentos distintos de sua vida, e, devido já ser graduada (graduação de aluna formada de capoeira) a maioria das vezes treinava com homens, visto que havia poucas mulheres nessa condição de graduação. Atualmente é a única aluna que é mulher e mestra, tendo sofrido algumas provações por ser filha do mestre, sempre precisando comprovar que sua graduação é pela sua formação e mérito, e não apenas pela conveniência de ser filha do mestre. Na sequência, alguns trechos do discurso da mestra que denotam essa relação:

E aí por eu ser filha de quem sou, filha de um mestre de capoeira, durante muito tempo eu tive uma certa perseguição, né? Uma certa comparação... ah, mas é filha do mestre, mas 'tá' pouco, tem que jogar mais, 'tá'? É filha do mestre? 'Vamos' limpar o pé nela. 'Aí' é filha do mestre, tem que ter uma postura. E aí assim, o tempo todo eu passei a vida toda tentando provar que eu estava naquele lugar, não porque era filha do mestre Derli, mas sim porque eu era Mestra Darlene. Eu também encaro como uma violência quando as pessoas ligam 'pro' meu pai 'pra' questioná-lo por que eu não digo que ele é meu pai dentro da capoeira, eu digo que ele é meu mestre... (Mestra Darlene).

Apesar do alimento da rivalidade entre mulheres, a mestra confessa que nunca vivenciou um episódio violento com uma mulher, mas que sofreu violência física de homens no jogo da capoeira, relatando uma experiência pessoal:

Graças a deus eu nunca tomei nenhum prejuízo de mulher, né? Nunca tomei nem um golpe, nada, mas de homens, eu já tomei meia-lua na cara, eu lembro de uma vez num treinamento, uma pessoa que não treinava no meu local de treinamento, nesse dia de visita, um desses caras, me deu uma banda. Mas ele pegou né? E eu sempre fui muito magra, ele pegou as duas pernas. Eu subi mais ou menos um metro de altura. E aí... eu fico com as unhas muito grandes e eu vim descendo... pensei, eu vou cair, isso vai acabar comigo... ia cair provavelmente sentada ou por cima dum braço, uma coisa que ia me machucar muito, eu falei não! 'Pra' eu cair ele vem junto comigo, aí puxando ele assim 'pra' ele poder cair, aí rasgou a blusa dele. (Mestra Darlene).

Além da violência física, a mestra põe em xeque o que seria realmente a violência contra a mulher na capoeira, pois o ato de invisibilizá-la, de humilhá-la e oprimi-la também são consideradas violências, como as falas comuns “a mulher não sabe cantar, não tem voz ‘pra’ cantar”; ou então, “tão querendo a igualdade, então quero ver na roda jogar de igual ‘pra’ igual”; “você não é capaz, você não vai conseguir”, “capoeira é ‘pra’ jogar, quer jogar? Então tem que conseguir jogar de igual ‘pra’ igual”. (Mestra Darlene).

A mestra comenta sobre a violência virtual durante a pandemia, a partir de um acaso, que um mestre de Capoeira lançou um vídeo da mestra nas redes sociais, no qual ela estava machucada, questionando sua validade de ser mestra:

Por que é isso, a coluna ficava muito ruim, e aí a pessoa não sei como, pois não estava nessa roda, pega esse vídeo e, joga na internet com as seguintes falas “é essa aí que é a mestra? Nunca vi essa pessoa em lugar nenhum, nuca isso, nunca aquilo...” Só que é uma pessoa que já não só tinha me visto realmente em alguns momentos, como estava aqui na roda antes da pandemia. E eu fui a pessoa que fiquei na roda o tempo todo, e joguei com essa pessoa e a pessoa não conseguiu absolutamente nada, tentou, mas não conseguiu. (Mestra Darlene).

Ainda assim, a mestra afirma que nesse período ocorreu um fenômeno interessante na capoeira, a produção de *lives*, nas quais vieram à tona temas relevantes para discussão, tais como o compartilhamento de trajetórias e experiências de mulheres, o enfrentamento de assédios sexuais, a luta das pessoas LGBTQIA+, a representatividade negra no universo da capoeira, entre outros, no qual França (2021, p. 38) ressalta: “[...] pôde-se perceber o protagonismo das capoeiristas, o lugar de fala das mestras, as estratégias de luta e resistência contra as opressões e os preconceitos no universo da capoeira, que perpassam pelas relações de gênero, raça e orientação sexual”. Além disso, a obra de Figuerôa (2021) mapeou 77 *lives* realizadas com mestras e contramestras de capoeira, entre março e outubro de 2020, constituindo um rico acervo sobre as histórias e trajetórias das mulheres na capoeira.

APAGAMENTOS: A QUESTÃO RELIGIOSA NA CAPOEIRA E O RACISMO

Mestra Darlene toca num ponto crucial de uso de outras religiões para enfraquecer as raízes africanas da capoeira, o que por sua vez é considerada uma forma de violência, pois invisibiliza a cultura do povo negro:

Eu acho muito violento capoeirista que até então não envolvia a capoeira com as suas questões religiosas, suas práticas religiosas, trazer ‘pra’ dentro da capoeira a sua prática religiosa pentecostal, dizendo que a capoeira agora é capoeira de Jesus. Você aprende de maneira desassociada. Na realidade, a cultura preta com o olhar embranquecido, um olhar do colonizador. E a gente sim vai ter e precisa entender quanto de importante é isso. Os escravizados eles não vieram da África aceitando Jesus branco. Eles vieram com seus apartamentos, eles vieram com a sua história. Os nossos antepassados quando chegam aqui, eles não têm direito nem de manter os seus próprios nomes, eles precisam virar Joaquins e Marias e lá vai bordoadada, e aí a gente, às portas do século vinte e dois, a gente continua fazendo essa reprodução quando a gente pega as culturas pretas dessas pessoas e diz ‘pra’ elas que a cultura delas está errada, que ela precisa ser reavaliada, precisa ser reconstruída a partir de um olhar branco, é a gente assinar uma folha em branco dizendo que lá atrás, quando o meu tataravô teve que trocar o nome dele, e isso era certo porque se a gente tem que trocar o nome... e aí tem que tirar a Iemanjá da música ‘pra’ botar Jesus Cristo, que é uma mitologia que não faz parte da nossa história, do nosso legado do povo preto. Ninguém tem o direito de modificar a capoeira ao seu bel prazer ‘pra’ alimentar o seu ego. Porque “ah, mas tem grupos que se chama, sei lá, filhos de Iemanjá”. Tem por que, faz sentido. Isso tem um porquê. Isso não está desassociado do que a gente tem de cultura. Agora é ter o grupo de capoeira Jesus Cristo não faz sentido! Faz sentido ter na capoeira São Cipriano? Faz sentido! Porque está associado com essa cultura. (Mestra Darlene).

Na luta contra violências e racismos, Mestra Darlene vem sempre buscando ensinar os valores aprendidos com seus mais velhos e mais velhas na capoeira. Conta-nos sobre uma situação de racismo que aconteceu durante sua própria aula, no morro da Providência:

‘Ó’, eu vou te citar uma situação, lá na Providência, teve um dia que eu ‘tava’ dando aula, e disse: agora vamos dividir em três, quatro filas, cada um, um agacha com o outro, coisa e tal, aí uma das minhas alunas ‘tava’ lá fazendo a aula, e o outro queria entrar na frente dela, ela não deixou, e aí ele olhou ‘pra’ ela e falou assim: ‘ó’ sua... sua, sua preta, seu cabelo duro, não sei o que” enfim, aí ela virou, falou ‘pra’ ele: não, você não fala assim comigo porque isso é racismo. E aí virou para mim: não é tia, isso não é racismo? Pode isso tia, falar uma coisa dessa?

Acabou minha aula. Botei todo mundo sentado, em roda, sentei no chão junto com eles, e falei vamos lá gente, então, a capoeira...” E aí eu sentei, conversei com eles, aí fiz uma fala sobre isso, falei: olha todos nós somos pretos, falei, olha ‘pro’ lado, ‘pra’ onde que a gente ‘tá’? Onde que a gente ‘tá’? Qual o nome daqui? E eles: ‘ah’ tia aqui é, é, é, é morro da Providência, Pedra lisa... Falei: ‘tá’ e, e como é que é? E fui trazendo vários questionamentos ‘pra’ fazer eles pensarem. No final ‘tava’ assim: bota o braço aqui, ‘cê’ é branco? ‘Cê’ é preto? ‘Cê’ é não sei o que... Respondiam: ‘ai’, não, eu sou, sou branco, tia, eu sou preto. Falei: tem certeza? Bota teu braço aqui ‘pra’ gente ver”, aí fui falar sobre a relação de colorismo com uma criança pequena? Fui. De um modo, adequiei a linguagem ‘pra’ que eles entendessem, e no final... eu... trouxe uma música rápida, ‘né’ um corrinho rápido assim ‘pra’ que eles entendessem, mas absorvessem o que eu tinha dito. Aí eu falei: ‘ó, inclusive tem uma música que é muito legal, que ser preto é muito bom, assim (canta): é preto, é preto, é preto kalunga, todo mundo é preto kalunga, é preto é preto é preto kalunga. E a partir daí nunca mais eu tive que intervir nessa relação étnico racial dentro da minha turma, dentro da minha aula, eles se respeitam. E isso é muito legal porque são crianças pequenas. (Mestra Darlene).

CONDUTA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CAPOEIRA - “O GOLPE DE MESTRA”

De um modo geral, Mestra Darlene tece uma crítica ao comportamento histórico da academia, enquanto perpetuadora de valores civilizatórios, sendo o seu *modus operandi* baseado na leitura e na escrita, rechaçando as culturas que possuem outras formas de transmissão e ensino-aprendizagem. Assim, busca valorizar as raízes da capoeira, baseada na oralidade e escuta aos anciãos e utilizando várias formas de ensino.

Nesse sentido, a mestra desenvolve uma metodologia de trabalho, que apesar de possuir diferentes linguagens para cada local de trabalho, com diferentes cenários, tem em comum que todos os sujeitos não vão iniciar a capoeira do movimento pelo movimento, e sim pelo entendimento de sua história, origens, herança do povo preto. Com base em sua formação capoeirística, no princípio de respeito aos anciãos e anciãs (sentar e ouvir os mais velhos), “Eu sempre gosto de bater pé, meu mestre me deu uma boa educação, saber entrar e sair da casa dos outros, saber como você deve se comportar e vai estar”, nas leis 10.639/03 e 11645/08 e toda sua experiência de vida como mulher preta, mãe, capoeirista,

mestra, segue uma perspectiva descolonizadora, ou seja, no sentido de valorização de uma lógica que supere um único mundo possível (referência do patriarcado, branco, europeu) para uma pluralidade de vozes e caminhos. Nesse sentido, cria um *modus operandi* de ensino que respeita as diferenças, criando uma metodologia de ensino da capoeira – “o golpe de mestra” que envolve os pais e/ou a família de seus alunos e alunas, bem como considerando o processo de formação mais importante que o produto, descrito em sua narrativa:

Então, eu vou ‘tá’ o tempo todo fazendo de alguma forma com que esses pais eles interajam com a com a aula dos seus filhos, e isso é bacana porque você vê a evolução do aluno, mas você vê a evolução também dos pais, muita das vezes, é óbvio que, não são todos os lugares que eu consigo fazer isso, ‘né’? Mas todos os lugares que eu tenho essa possibilidade eu ‘tô’ incluindo esses pais de alguma maneira, seja ajudando, tocar um instrumento, então o aluno aprende a capoeira, mas o pai também aprende sobre a história, sobre o toque. Por quê? porque essa criança ela é ensinada, ‘né’, com os pilares da capoeira, mas ela também é sujeito ativador, ‘né’? Um sujeito que ‘tá’ em constante movimentação para além daquele ambiente do que ela ‘tá’ envolvida. Então ela vai ‘tá’ dentro de casa ensinando ‘pra’ esses pais, ‘pra’ esses amigos, ‘pra’ escola. E aí você vai ter crianças muitas das vezes falando, tocando, fazendo, muitas vezes melhor do que adulto dentro da capoeira, fazendo práticas melhores. E os pais quando acompanham, você consegue inclusive trabalhar outras relações, uma delas é essa coisa, a gente vive num mundo globalizado que a gente corre atrás do dinheiro ‘pra’ todos, os pais não têm essa possibilidade de estar acompanhando os seus filhos, então a possibilidade que tem que, está com o celular na mão, está ocupado trabalhando mandando e-mail. Então quando você consegue fazer esse resgate desse pai ‘pra’ entender a importância daquilo que o seu filho ‘tá’ fazendo, você consegue trabalhar a família, de certo modo como um todo. Então, é uma metodologia que eu, que eu utilizo? É. É a única existente? Não. Mas eu acho que ‘tá’ dando certo sabe? Esse respeito com mais velho ter essa consciência que o mais velho ‘tá’ ali não ‘pra’ ser mais velho chato, um mais velho que te traz essa relação da punição, mas de ser aquela pessoa que te traz conhecimento, de que é legal sentar e ouvir o mais velho. (Mestra Darlene).

A mestra considera que a grande virada paradigmática, ou seja, o grande golpe de mestra, para uma boa relação de ensino-aprendizagem na capoeira, mesmo sendo uma das práticas corporais terrestres mais completas, não é a busca de resultados e desempenho, mas sim, a compreensão e o entendimento da arte que está acessando e seus valores civilizatórios

afro-brasileiros (Trindade, 2013), como: Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital/Axé, Oralidade, Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade e Cooperativismo - Comunitarismo. A capoeira é o legado mais antigo do povo preto, respeitando sua história, formação e princípios. “É o trabalho de olhar o seu educando, seu aluno, de uma forma mais profunda, do que a razoabilidade do movimento pelo movimento, do que da roda pela roda. É isso”. (Mestra Darlene).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso da mestra que ama a sua arte está imbuído de reflexões e críticas acerca dos valores civilizatórios europeus (opressão, imposição de seu comportamento, religião, patriarcado, organização política, entre outros) que infelizmente ainda persistem na capoeira e alimentam o machismo, os assédios, o adultocentrismo, a homofobia, o capacitismo, o racismo e o desrespeito aos mais velhos. Na percepção da mestra, a conduta, o exemplo e o entendimento do mais velho como um local de referência para o crescimento, são primordiais para uma boa educação, baseada nos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Com esse relato de experiência espera-se contribuir para o entendimento da luta contra a invisibilização das mulheres na capoeira e seus mecanismos de enfrentamento às violências bem como outras situações de preconceitos e racismos sob o olhar de uma mestra mulher. Ademais, que esse estudo possa contribuir com a prática docente de capoeiristas e não capoeiristas, bem como incentivar novas pesquisas acerca da percepção feminina em temas relacionados à capoeira.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, M. **Das mulheres desordeiras, valentes e capoeiras**. 1ª Ed. Campina Grande: Plural, 2021.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia**. 2006. 304 f. Tese (Doutorado em

Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Acesso em: 28 jul. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3rgp3Da>.

FIGUERÔA, K. M. **Mulher na capoeira**: produção de saberes, identidade e representatividade. Curitiba: Dialética e Realidade, 2021. v. 1.

FRANÇA, Á. L. de. **Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira**. 2021. 299 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

FOLTRAN, P. J. “Capoeira é pra homem, menino e mulher”: angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. **Sankofa**: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, a. 10, n. 19, p. 83-106, ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3lj8zqh>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição**: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. 1993. 2v. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Africanidades brasileiras e educação**: salto para o futuro. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.

ZONZON, C. N. Conhecer, ser, transformar: reflexão sobre uma pesquisa intervenção com mulheres capoeiristas. **Íbamò**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1, p. 105-117, nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3D6fpVT>. Acesso em: 26 nov. 2021.

Contato autora principal:
darlenecapoeira@gmail.com